

Poderíamos apontar hoje, basicamente, duas frentes predominantes – que, por não dispormos de melhor definição, classificaremos de **críticas** – de análise da realidade: uma que procura uma releitura **a partir de** (e não **de** – necessariamente) Marx e uma não marxista, baseada na hermenêutica, com Jean-François Lyotard, por exemplo. Tomamos a liberdade de colocar a obra aqui resenhada na primeira frente.

Ana Fani Alessandri Carlos preocupa-se em contribuir para a compreensão do que chama de mundo moderno através de uma leitura geográfica¹. Procura contrapor, ante uma leitura atomizada, uma leitura do espaço, que se mostra como articulação entre o local e o mundial, apresentando uma proposta de resgate de totalidade para a Geografia. Traz, ainda, uma mensagem utópica – no sentido que Henri Lefebvre propõe – ao desenvolver um contraponto às tentativas de homogeneização presentes – implicitamente ou explicitamente – no processo de globalização imposto/possibilitado pelo capitalismo e pelo aprimoramento das técnicas. A dimensão que abarca tal contraponto é a do **cotidiano**, que se materializa no **lugar**, e que, por sua vez, não só é expressão desta aparente inexorabilidade, mas, paradoxalmente, é também o espaço da possibilidade e da diferença.

Com uma posição diferente de suas primeiras obras – poderia citar Espaço e Indústria² – a Autora propõe nesta, não necessariamente um modelo de interpretação, mas a inserção de uma nova problemática no e do espaço que se coloca frente a uma aparente desterritorialização do homem e de suas atividades.

O lugar no do Mundo questiona e adota uma posição antagônica desta suposta desterritorialização. Reafirmando, como apontamos acima, a importância da análise do par local/mundial através de uma imbricação do processo de reprodução de relações sociais (que se dão além de suas materializações em lugares específicos e de comportamentos que tomam corpo, muitas vezes como “reprodução” de um processo que se quer homogeneizante) e de “resistências”, particularidades e particularizações que se fazem no lugar, constituindo-se, ambos, no cotidiano. Esta seria a maior preocupação deste trabalho: reportar a importância do cotidiano como elemento de análise e de análise do espaço.

Contrapondo-se a autores como Paul Virilio e referenciando-se, dentre outros, a Henri Lefebvre, a Autora procura um resgate da dimensão espacial, demonstrando que, ao contrário do que afirma o primeiro, seria o tempo, não o espaço, que se comprime e deve ser cada vez mais relativizado na análise da reprodução social e da produção como um todo, sobretudo pelo avanço das técnicas.

Também a “globalização” está presente na obra, que objetiva demonstrar que esta só se materializa no **lugar**. Dada esta concretude, seria também no lugar que se teria a possibilidade de se ler, perceber e entender o mundo moderno e de se posicionar frente a tal processo globalizante, pois a fragmentação, que chamariamos de par dialético da globalização, também se evidencia no lugar. Posto a nu este quadro, é no lugar que estaria a possibilidade de seu desvendamento e superação.

A trajetória seguida passa pela crescente importância dada às representações³, o que muitos vieram a chamar de uma inversão de Marx à Hegel, e pelo papel que teriam para o resgate do lugar, através da criação, do resgate, da destruição ou desvendamento de símbolos, signos e sinais, estes cada vez mais vazios de conteúdo.

A obra em questão apresenta uma coletânea de trabalhos que possuem unidade e complementaridade e, segundo a própria Autora, desenvolvem-se em três planos: o do **espaço**, o da **metrópole** – espaço produzido da sociedade urbana e sua forma mais elaborada – e o do **lugar**, “que se

* Doutorando no Curso de Pós-Graduação em Geografia – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP-19060-900 - Presidente Prudente – SP – Brasil.

¹ A discussão sobre moderno, modernismo, pós-moderno, pos modernismo etc. não é a tônica da obra. O próprio termo “mundo moderno”, utilizado pela autora, não é precedido de uma definição, apesar de implicar em posicionamentos diversos.

² CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e indústria**. São Paulo: Contexto, 1987.

³ No que a Autora irá se basear principalmente em Henri Lefebvre.

refere ao processo de constituição, no plano do imediato, da vida, revelando-a em suas múltiplas dimensões.”⁴

No primeiro texto, intitulado *Definir o Lugar?*, apresentado originalmente em 1995, insere-se a preocupação em se redefinir o lugar ante o chamado processo de globalização. Sua leitura se dá, particularmente, resgatando o lugar como o espaço do *vivido*, do ritmo do homem, mas também do espaço da *monumentalidade*, do vazio, do ritmo do outrô.⁵ Inserindo-se, aí, o peso dado à *forma* na análise e produção do espaço. Não escapa à Autora a identificação da elaboração e construção de formas (com suas funções e conteúdos, explícitos ou não) que conduzem a uma planificação que remete à noção da “*totalidade como essencial e o fragmento por acidental ou acessório*”⁶, ou seja, a uma máxima positivista.

No texto *O lugar na era das redes*, também de 1995, apresenta uma rápida, mas cuidadosa, retrospectiva da noção de lugar em Geografia e recoloca esta questão frente a duas outras que a complementam: a supressão espaço/tempo⁷ e o desenvolvimento das técnicas sob a ótica do incremento de redes, bem como da constituição de novas redes, no processo de produção.

No terceiro texto chamado *A guerra dos lugares*, continua a discussão sobre redes, técnicas e compressão espaço/tempo, porém o direcionamento é dado para a análise do processo de globalização e de mudanças dos padrões locais de atividades, através da planificação.

O quarto texto, de 1994, *A natureza do espaço fragmentado*, abarca, basicamente, os temas produção e fragmentação do espaço, articulando-os com a produção do urbano, chegando a Autora a apontar novas possibilidades de análise para o espaço intraurbano.

A segregação e segmentação, social e espacial, aparecem como tema do capítulo cinco *Os lugares da metrópole: a questão dos guetos urbanos*. Tomando como ponto de partida Thierry Paquot, discute-se a guetização não apenas como um fenômeno sociológico/antropológico, mas como um fenômeno espacial. Isto leva-a a discutir a cidade (a metrópole, mais especificamente), suas partições (sociais, espaciais, sócio-espaciais, como os *shopping centers*, os condomínios fechados) e a procura pela constituição do *lugar*.

A “rua” como local permissivo/subversivo, contraditoriamente à sua impessoalidade e aparente homogeneidade, aparece como tema do sexto tema: *A rua: espacialidade, cotidiano e poder*. Sua análise desenvolve-se principalmente a partir do conceito de *vivido*. Faz-se também uma série de apontamentos sobre as concepções do público e do privado. É a partir deste texto que notamos uma maior elaboração das idéias propostas na obra.

A produção do não lugar, sétimo texto, tem suas argumentações sobre produção, reprodução, lugar e não-lugar, tecidas sobre o turismo, principalmente, trazendo um elemento de exemplificação e demonstração novo à discussão.

O último texto – *A construção de uma nova urbanidade* – apresenta, de um lado, um quadro de espantamento frente à constatação de uma sociedade cada vez mais mercantilizada e, de outro lado, uma mensagem *utópica*⁸ que se constrói a partir do cotidiano.

O *Lugar* é, ao nosso ver, tratado por Ana Fani Alessandri Carlos como uma dimensão que, se por um lado, reproduz a totalidade, por outro possui particularidades e singularidades que dão nova roupagem e se opõem, se contrapõem e se dissociam, mas também por vezes sufocam-se frente ao mundial. Isto se lê pelos ritmos da vida, pelo cotidiano.

Acreditamos também que a validade da proposta não se aplica apenas à metrópole, explicitada pela obra, mas também vemos nela importante referencial para a análise de cidades médias e de suas dinâmicas e redefinições, cada vez mais *conectadas* a um ritmo que lhes parece externo.

⁴ CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Lugar no/do Mundo*, p. 16.

⁵ Ambos os conceitos desenvolvidos por Henri Lefebvre.

⁶ CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O Lugar no/do Mundo*, p. 23.

⁷ Discutida por David Harvey, Paul Virillo e Anthony Guidens, por exemplo.

⁸ No sentido que Henri Lefebvre dá ao termo.

PROVAS ESCRITAS

Textos elaborados por candidatos ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, campus de Presidente Prudente, em novembro de 1998, obedecendo ao tema: "A construção do pensamento geográfico, a sociedade e a natureza"